Lançamento do Romance - *Vozes sem Eco – A Angústia dos Miseráveis e a Revolta da Natureza*

Juarez Leitão*

Um riacho chamado Tucunduba, as lagoas dos Patos, da Vaca Seca e das Pedras e uma pequena estação de trem.

Uma aldeia singela na paisagem de terra chã, pontilhada de carnaubeiras no Baixo Médio Acaraú...

De lá, desse lugar modesto, a antiga Pitombeiras de Nossa Senhora do Amparo, depois Senador Sá, partiu o adolescente ÉSIO DE SOUZA, nos finais dos anos 40, pleno de ânsia e forrado de sonhos para conquistar a capital do Estado.

Atendia aos murmúrios de seu coração que o chamavam para o mundo, para os ventos da sorte, e essas vozes interiores lhe diziam, premonitórias, que, uma vez munido dos conhecimentos formais e embasado dos currículos universitários, haveria de se distinguir entre os homens de seu tempo por sua capacidade e pelo franco exercício de sua inteligência.

Formado em Ciências Agrárias e técnico em desenvolvimento, foi escalando funções de importância nas autarquias federais, em secretarias de Estado nos governos de Virgílio Távora, Manoel de Castro e Gonzaga Mota e brilhou em posição maior na SUDENE, no tempo em que esse órgão era de fato um instrumento da ação governamental para o desenvolvimento planejado da Região Nordeste.

Depois de bem servir ao seu país em funções de alta responsabilidade técnica e de caráter social e econômico, poderia ter-se apaziguado no vale remansoso dos aposentados a recitar a epístola de São Paulo que fala do justo repouso dos que combateram o bom combate e guardaram a fé.

Mas, não. A estrada lhe cobrava outros passos.

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará

Por ser um leitor compulsivo, por ter o dom de olhar a vida de forma transcendente, por ter em casa na parceria do amor e no apreço aos livros, uma escritora, sua mulher Heloísa Caracas...Tudo o conduzia para os campos luminosos da literatura, onde haveria de continuar sua militância em favor de uma política de valorização do homem numa escritura de denúncia social e de combate aberto às diversas formas de exploração do povo, de alerta consciente aos perigos das promessas vãs, aos engodos da demagogia, à impunidade dos corruptos, às cavilações do populismo.

Armado de sua lucidez e desta intenção altaneira de denunciar a vilania dos perversos e a insensatez dos pobres de espírito, mas também a audácia pioneira e a bravura de alguns heróis desta Terra da Luz, escolheu a biografia e a ficção como ferramentas de trabalho.

E, assim, depois de contar a história do Capitão-mor José Xerez Uchoa, introdutor do café no Ceará, de publicar artigos e ensaios sobre a Questão Nordestina e de conceber os romances "A Fagulha da Abolição", "No Rastro do Boi" e "O Poder das Amarras", conclui agora o livro sonhado, o primeiro que planejara nos idos de 1991, mas que haveria de esperar 22 anos para, finalmente, vir à luz, em parto sadio de robusto rebento.

Robusto, sem dúvida, porque o romance que hoje batizamos – VOZES SEM ECO - tem quase 600 páginas.

Não se assustem, porém, os leitores.

Quem empreender a viagem ficcional engendrada por ÉSIO DE SOUZA, situada e decorrida nos territórios da realidade e da verdade histórica, há de ser arrebatado pelo encantamento e, no epílogo, lamentar que não fosse mais longo o percurso desta dramática narrativa sobre seres tão reais e tão verdadeiros que parecem saltar, vivos em carne e osso, do leito das ruas e dos aflitos caminhos do Ceará para a nossa contemplação estarrecida.

O romance histórico, afirma a crítica carioca Bella Jozef, é um documento de testemunho e participação que, extraído de fatos reais, indica um caminho e uma intenção, demonstrando, em geral, a ideologia e expondo as crenças morais e políticas de seu elaborador.

Grandes nomes da literatura tomaram o caminho do romance histórico, a partir de Walter Scott, autor de "Ivanhoé", passando por Victor Hugo e Honoré de Balzac. No Brasil o escolheram, dentre outros, José de Alencar, Érico Veríssimo, Dinah Silveira de Queiroz e a nossa contemporânea Ana Miranda, que mora ali em Messajana depois de fazer nome nacional e ser traduzida pelo mundo afora.

Neste livro, onde o subtítulo já é a síntese de seu conteúdo, pois anuncia a ANGÚSTIA DOS MISERÁVEIS E A REVOLTA DA NATUREZA, ÉSIO DE SOUZA usa o recurso da "minesis", criado por Aristóteles em sua obra "Poética", onde a imitação do real tem a intensa aparência da realidade.

De fato, é da realidade histórica que se nutre o autor de VOZES SEM ECO, que consegue, graças ao vigor dos detalhes e à bagagem de informações manter a coerência interna do enredo, a lógica das motivações, enfim, a causalidade dos eventos, compondo a armação de sua criação na moldura do mundo real, apostando na conivência de suas intenções com os seus leitores, de quem espera parceria em sua empresa lúdica.

Manuseia, com mão de mestre carpinteiro, a madeira de sua oficina e trabalha com as propensões eternas da natureza humana e os temas clássicos do destino: a ambição, a audácia, a inveja, o medo, a mentira, a traição, o sonho, a dor, o amor e a morte.

Ao mesmo tempo, administra corretamente o texto, evitando a imagística opaca e a retórica infecunda. Ao invés disso, faz das coisas reais a transfiguração narrativa e o galope metafísico, pondo no seu projeto o sopro de sua alma, aquele toque de sublimidade que do barro comum obtém o ouro mais fino e a mais bela canção.

Neste livro a imaginação está a serviço da peripécia dramática de seus personagens:

Do juiz, do vigário, do agitador político, atuando no bailado das circunstâncias, assentando nas pedras toscas do cotidiano e construindo na sombra do tempo os atos, os laços, os percalços, as esperanças e as decepções.

Avança com paciência e obstinação parecendo, que, a certa altura, não consegue mais controlar as criaturas de seu romance, que tomam a história para si e agem por conta própria com desenvolta e soberana autonomia. Dessa forma a criação se realiza em sua plenitude e se estabelece como obra de arte.

Escolhe um espaço cronológico que vem dos anos risonhos do Governo Juscelino aos dias atuais, mostrando com amargo desencanto como, mesmo as promessas mais coruscantes e as perspectivas mais alvissareiras, podem resvalar tristemente para o pântano enganoso da mentira.

Este grito dos que se acham enganados, tão agudo e visceral nos romances de ÉSIO DE SOUZA, é o mesmo grito que agora vem das ruas

deste país, exclamado pela pujança juvenil e tão numeroso e tão vibrante e tão enérgico que põe em estado de espanto e medo as autoridades nacionais, que já estavam se acostumando com o sono plácido e o sossego omisso de seus governados.

A nação ressurge de sua letargia e marcha contra a tibieza das ações políticas, ergue os braços e a voz em ira sagrada contra a corrupção descarada e impune, contra o desprezo pela educação, pela saúde e pela segurança, contra o engodo das promessas, contra as manobras canhestras de amesquinhamento das conquistas constitucionais.

A nação está viva.

Meus amigos e futuros leitores de ÉSIO DE SOUZA:

Eis o livro e o perfil ligeiro de seu criador.

Um romance que induz à reflexão.

Porque em VOZES SEM ECO, os agentes ativos da trama romanesca foram postos nos degraus da vida para interagir com a realidade e os seus desempenhos são as ferramentas que o autor maneja para mostrar a sua intenção ética no caminho político das lições, na tábula do compromisso social, na formação da responsabilidade cívica.

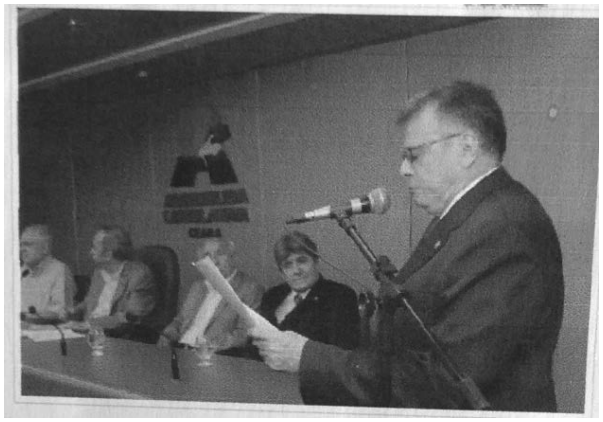


FOTO 1 – Acadêmico Juarez Leitão ao pronunciar discurso de saudação quando do lançamento do romance – *Vozes sem Eco – a angústia dos miseráveis e a revolta da natureza* - perante um auditório e mesa composta pelos: José Augusto Bezerra (presidente da Academia Cearense de Letras), Ednilo Gomez de Soarez (presidente do Instituto do Ceará), o autor do livro, o prof. Gonzaga Mota (ex-governador do Estado do Ceará e a deputada Fernanda Pessoa, que a presidiu. Local: Assembleia Legislativa do Ceará em 25.06.2013.

VOZES SEM ECO

ÉSIO DE SOUZA*

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Inicialmente, quero agradecer, nesta tarde, a fidalguia e honra de quantos aqui presentes para ouvirem o imortal - da Academia Cearense de Letras e Sócio Efetivo do Instituto Histórico do Ceará – Juarez Leitão – e a mim, em uma breve apresentação, desta obra, qual seja o livro *Vozes sem Eco – a angústia dos miseráveis e a revolta da natureza.* Presença essa que simboliza nada mais do que a grandeza de um gesto de solidariedade humana, atributo tão raro nos dias de hoje.

Sei de mim, que aqui se encontram não só os meus amigos, mas de toda minha família, sobretudo de minha mulher Heloisa Helena e de nossos filhos.

Quero agradecer também a forma gentil com que sua excelência, a deputada Fernanda Pessoa atuou junto à presidência desta augusta Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, para que, sua excelência o Deputado José Albuquerque – cedesse, nesta tarde histórica, sobretudo, para mim e para os amantes das letras, esse aconchegante espaço para festa do lançamento do livro – *Vozes sem Eco.*

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará

O QUE É O LIVRO VOZES SEM ECO – a angústia dos miseráveis e a revolta da natureza.

VOZES SEM ECO, como induz o seu título, é um livro político, social contemporâneo de denúncias. As senhoras e os senhores aqui presentes, devem ter percebido, nas entrelinhas da apresentação, feita por um dos ilustres membros da Academia Cearense de Letras e Sócio Efetivo do Instituto Histórico do Ceará – Mestre Juarez Leitão, sem nenhum demérito aos demais participantes dessas duas centenárias agremiações culturais do Ceará, recaiu em Juarez Leitão. A escolha não foi por acaso, mas deliberadamente dirigida a ele.

Para um livro que ostenta um pesado título e conteúdo, como Vozes sem Eco – a angústia dos miseráveis e a revolta da natureza, somente alguém de voz muito vibrante e persuasiva, como a de Juarez Leitão, poderia dar-lhe Eco.

E por certo a deu, mas ainda é pouco! Pois, para que esse Eco tenha mais ressonância é preciso que todas as pessoas, aqui presentes, e outros e outros, ao adquirir o livro, leiam. Do contrário, postos nas estantes e bibliotecas, sem consultados seus personagens tornar-se-ão, não só Sem Eco, mas mudos.

O PORQUÊ DA FEITURA DESTE LIVRO

Feita uma breve retrospectiva temporal de minha carreira profissional de Agronomia e Técnico de Desenvolvimento Econômico e Social, junto à Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), (1963-1991), vê-se que por todo esse tempo fui umbilicalmente ligado às causas do desenvolvimento econômico e social do Nordeste.

Ali na SUDENE, é, portanto, o nicho onde se fincam as raízes que nutrem o pensamento e o interesse pelas causas econômicas que repercutem favoravelmente na melhoria das questões sociais da sociedade brasileira, mormente de sua porção nordestina. Contudo, com o advento de minha aposentadoria na SUDENE (1991), houve um rompimento abrupto com esse passado de ações realmente tangíveis na direção do desenvolvimento econômico/social, mas também uma frustração, por concluir que muita coisa ficou nos sonhos, nas utopias de um ideário regional.

A MUDANÇA DE ROTA

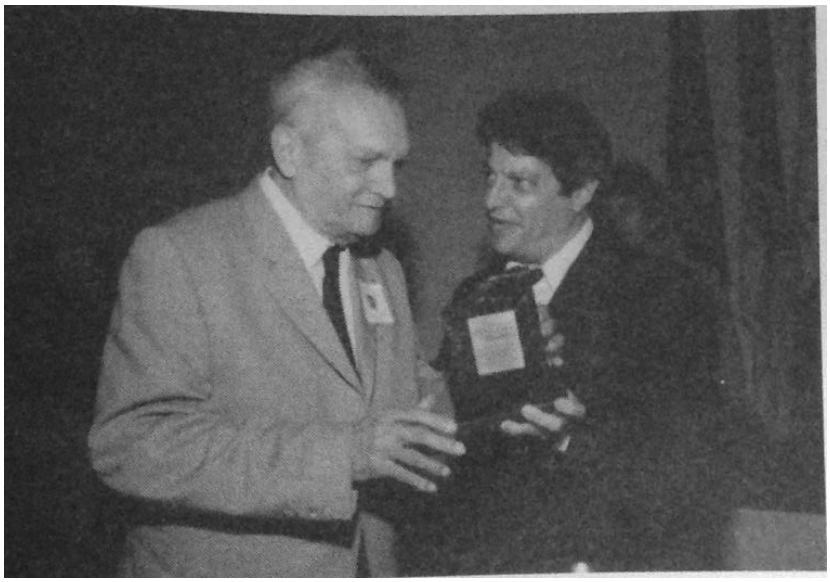
Este livro era, portanto, para ter sido escrito em 1991, mas na realidade somente comecei a me embrenhar na literatura em 1997, quando escrevi o livro *O Poder das Amarras*.

Veja-se que o título acima tem algo a ver com os bloqueios do desenvolvimento econômico e social do Nordeste. Confesso, que quando adentrei a porta da literatura, deparei-me com uma grande dificuldade que foi me libertar dos termos técnicos. Eu tinha certa parcimônia em usar a ficção. Contudo, pouco a pouco, depois de escrever mais três livros e ler os livros de minha mulher Heloisa, fui me desprendendo desse preconceito. Rompido parte dessa barreira, tomei a decisão basilar de escrever *Vozes sem Eco.*

Assim, a ideia de escrever este livro, nasceu por ocasião do Seminário dos 40 anos da SUDENE e 80 do seu fundador, o economista e pensador Celso Furtado, ocorrido na cidade do Recife, no início do ano 2000, do qual tive o privilégio de participar.

O SEMINÁRIO, CELSO FURTADO E UM RÁPIDO DIÁLOGO

Veja o apego que as pessoas têm às suas criações. Furtado foi o criador da SUDENE, sob as bênçãos de Juscelino Kubistchek, foi ainda ministro do Planejamento; ministro da Cultura, no Brasil, e dirigente da Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL), órgão ligado à ONU; professor da Sorbone e tantas outras agremiações, mas a SUDENE era a menina de seus olhos. Mas o porquê disso?



Celso Furtado recebendo das mãos do Superintende da SUDENE, à época Wagner Bitencourt, por ocasião do Seminário. Foto extraída do livro – CELSO FURTADO – SUDENE e o Futuro do Nordeste. Recife, junho de 2000.

Ao me aproximar dele, no dito Seminário do Recife, no meio de tanta gente, disse-lhe: "Dr. Celso, eu fui da SUDENE." E ele, imediatamente: - "Do meu tempo?" - Respondi -lhe: "Sim! Do seu tempo". Rapidamente, percebi em seus olhos o interesse em conversar comigo. Infelizmente, o diálogo não prosperou. Porquanto, alguém o chamou.

VOLTANDO AO SEMINÁRIO

O Seminário do Recife contou a participação de diversos conferencistas: ministros de Estado e grandes nomes da intelectualidade brasileira, como o próprio Celso Furtado, Rubens Ricupero, Cristovam Buarque, Nilton Santos, Francisco Oliveira, dentre tantas outras expressões do mundo acadêmico nacional e internacional. No campo internacional, destaco as figuras de Deepak Nayyar - Nehru University – Nova Délhi (Índia); Ignacy Sachs – Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (Paris – França); Samir Amin – Fórum dos Três Mundos (Dakar – Senegal); Ricardo Bielschowsky – Cepal - dentre outros.

Contudo, o que mais me chamou a atenção foi o pronunciamento do Professor Francisco Oliveira (USP), outrora, quando da criação da SUDENE (1959), o seu superintendente substituto, à época de Celso Furtado, que, durante sua exposição, questionou quanto ao futuro próximo da SUDENE. E reportando-se, desencantado, com o *status quo* da população pobre do Nordeste, equiparou: "Talvez o grande romancista do Nordeste seja – Juan Rulfo – celebrado novelista mexicano" e autor de o clássico Pedro Páramo, que aborda em sua obra a miséria que crassa o México.

Ao ouvi-lo. Tomei-me de impulso em fazer algo que abordasse a temática.

Mas a ideia ficou como hibernada, até que um dia lendo um artigo de Jean Paul Sartre, que recomendava aos escritores neófitos, como eu: "Escrevam, abracem sua época, não deixem escapar a oportunidade."

Então comecei a escrever o livro Vozes sem Eco, mas com o cuidado de não me envolver em aspectos ideológicos. Fato tão comum de aflorar em uma temática como esta. E para tanto, usei muito o recurso da intertextualidade, onde os textos, sejam de personagens reais ou fictícios, dialogam e às vezes se digladiam.

O RETORNO

Imagino quão satisfação devem ter experimentado - Juan Rulfo, (México); Victor Hugo, (França); Paulo Lins e José Louzeiro (Brasil), com seus livros - *Pedro Páramo, Os Miseráveis, Cidade de Deus e o Pixote,* respectivamente, quando viram seus livros adaptados para o Cinema.

Em - *Cidade de Deus* - o livro migra da literatura para adotar a linguagem do cinema, com o longa-metragem do mesmo nome, dirigido por Fernando Meireles. Igual destino teve o *Pixote*.

Estes livros foram alguns, dos mais recentes, que denunciaram as desigualdades sociais e impactaram, não só junto à sociedade brasileira, como a do resto do mundo. A ponto de despertar interesse de chefes de Estado, como o presidente Barack Obama, em visita ao Brasil, conhecer áreas de favela, porquanto seu antecessor, o presidente Bush- a 08 de março de 2007, - incluiu também, em sua programação, entre outros compromissos, a visita ao grupo " *Meninos do Morumbi"*, em São Paulo.

Ainda corroborando com essa tese, transcrevo pequeno trecho publicado pelo Jornal – *O Povo* – transcrito do Jornal *New York Time* - sobre a *Conferência Mundial de Escritores*, ocorrida em Edimburgo, na Escócia, onde 50 escritores, de diferentes países, perguntavam:

> "Quando as pessoas estão morrendo nas ruas, os regimes estão se desintegrando, ou a possibilidade de um colapso econômico ou político parece perturbadora, como os romancistas e poetas podem continuar ancorados no mundo imaginário?"

E completam, dizendo: "Escrever é um trabalho solitário, mas às vezes os sons das ruas interferem."

Para concluir, é evidente que, longe de mim, pretender comparar o modesto livro – *Vozes Sem Eco – a angústia dos miseráveis e a revolta da natureza* - com os clássicos acima citados. Minha intenção não foi outra, senão, tão-somente, de explicitar, talvez, o que Jean Paul Sartre quis dizer: "abrace sua época."

xxxxx

Discurso de Francisco Ésio de Souza, pronunciado no - Auditório da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, em 25 de junho de 2013, por ocasião do lançamento do Romance – Vozes sem Eco – a angústia dos miseráveis e revolta da natureza - em Sessão Solene, presidida pela Deputada Fernanda Eneida Pessoa Caracas de Souza e saudação do Acadêmico Juarez Leitão.